

## CORREIO ECONÔMICO

Divulgação  
Lucro do bancos chega a R\$ 53,925 bilhões no 1S24

## Lucro de quatro grandes bancos cresce 12,9% no 1S24

A inflação avança, os juros continuam altos, mas os lucros da 'banca' continuam crescendo sem parar. É o que mostra levantamento do Grupo Estadão/Broadcast, ao apontar que o lucro dos quatro maiores bancos do país subiu 12,9% no primeiro semestre do ano (1S24), ante igual período do ano passado (1S23), atingindo R\$ 53,925 bilhões.

O avanço decorre, confor-

me o estudo, da queda do custo de crédito, na maioria das instituições financeiras, o que deverá ter reflexo na maior oferta de concessões de recursos, no segundo semestre (2S24)

Outro fator para o melhor desempenho, as despesas dos quatro bancos com provisões recuaram 4,9%, no mesmo comparativo semestral, para R\$ 60,993 bilhões.

## Menor apetite

Como o 'apetite' de crédito na Pessoa Física não voltou aos patamares de 2021, acentua o presidente do Santander Brasil, Mario Leão, a meta dos três maiores bancos privados é acelerar a concessão de recursos àqueles clientes com melhor perfil creditício.

## Concorrência

O uso de 2021 como referência creditícia leva em conta que naquele ano, para vencer a concorrência das fintechs, os bancos tradicionais aceleraram a venda de produtos, como cartões de crédito, para clientes que ingressaram no setor financeiro por meio de canais digitais.

Divulgação  
Salto de 146% de créditos à infraestrutura puxa resultado

## Aprovações de crédito pelo BNDES sobem 83% no 1S24

'Puxado' pelo salto de 146% nas aprovações de crédito para infraestrutura (R\$ 26,3 bilhões), do primeiro semestre deste ano (1S24) para igual período de 2023 (1S23), a aprovação global de crédito pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) totalizou R\$ 66,5 bilhões no 1S24, uma alta

de 83%, ante igual período do ano passado (1S23). Ante o primeiro semestre de 2022 (1S22), o aumento foi de 107%.

Para o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, o projeto da Via Dutra é o de maior financiamento rodoviário da história do país, de R\$ 16 bilhões, em que o BNDES participa com R\$ 10 bilhões".

## Agro 'decola'

A respeito das elevações das aprovações de crédito da indústria (81%), do comércio e serviços (70%) e da agropecuária (31%), o diretor financeiro do banco, Alexandre Abreu, comentou que, tomando como referência o 1S22, a agropecuária exibiu crescimento de 204%.

## Avanço de 53%

Outro destaque coube ao segmento de micro, pequenas e médias empresas, que avançou 53% no comparativo semestral (1S24/1S23), com um montante de R\$ 29,3 bilhões. Outros R\$ 10,7 bilhões atenderam a bancos cooperativos e cooperativas de crédito (+128%).

## Céu de brigadeiro'

Também em 'céu de brigadeiro' estão as ações da Embraer (EMBR3), que quase dobraram de valor neste ano, com alta de 94,28%, no fechamento do Ibovespa, nessa segunda-feira (12), para uma cotação de R\$ 43,50, como reflexo do bom balanço trimestral da aérea.

## Momento positivo

O bom desempenho da Embraer decorre de uma série de fatores, a exemplo do baixo patamar de endividamento baixo, geração de caixa livre, além de novos contratos de venda de jatos e aeronaves, sem contar o momento complicado enfrentado pela concorrente Boeing.

## Após recuo de 0,4% em maio, serviços sobem 1,7% em junho

Avanço do setor é o maior desde dezembro de 2022, segundo o IBGE

Por Marcello Sigwalt

Maior avanço, desde dezembro de 2022 (2,7%), o volume de serviços cresceu 1,7% em junho, superando o recuo de 0,4% em maio.

Com o resultado, o setor atingiu o maior patamar da série, segundo dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgados, nessa terça-feira (13), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Outro dado relevante é que o índice de junho é 14,3% maior que o nível pré-pandemia, de fevereiro de 2020, e 1,3% superior a igual mês do ano passado. Se considerado o acumulado do primeiro semestre deste ano (1S24), houve expansão de 1,6%, no comparativo anual.

A despeito de tais números positivos, o setor exhibe perda de dinamismo, haja vista que pelo critério dos últimos 12 meses, a variação caiu de 1,2% em maio para 1,0% em junho.

Ao comentar que "o crescimento foi disseminado entre as



Tânia Régio - Agência Brasil

IBGE: com avanço de 1,7% em junho, setor de serviços atinge o maior patamar da série

cinco atividades pesquisadas, já que todas apresentaram expansão", o gerente da pesquisa Rodrigo Lobo confere mais destaque à expansão de 1,8% do setor de transportes, em junho, após uma queda de 1,5% em maio.

"Esse resultado vem muito

em função do transporte aéreo, impulsionado pela queda dos preços das passagens aéreas. Mas também contribuiu o transporte rodoviário e a navegação de apoio marítimo, atividades relacionadas com as indústrias extrativas, como a de gás e a de óleos brutos de petróleo".

Também positivo, o setor de informação e comunicação, que subiu 2% em junho, após recuo de 1,1% no mês anterior, refletiu o avanço dos serviços de tecnologia da informação, de serviços de streaming e de telecomunicações.

## Campos Neto: "juro não é exorbitante"

"Embora absurdamente alta, não é possível afirmar que a taxa de juros seja exorbitante, apesar de uma inflação muito baixa".

A declaração, de sentido questionável, é da lavra do presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, ao emendar que, nos últimos cinco anos (2019-2024), o país exibiu uma menor inflação, ante uma menor taxa de juros.

Convidado pela Comissão

de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados para falar, em audiência pública, sobre a autonomia financeira do BC e a atual taxa de juros, o dirigente central argumentou que, "na verdade, a gente tem é uma taxa Selic menor do que a média [10,50% ao ano] e uma inflação menor do que a média [projetada em 4,20% para este ano pelo Focus-BC], ainda mesmo passando por um período de inflação global muito grande".

Ao admitir que é 'preocupante' o processo de desancoragem das expectativas de inflação, mesmo que a inflação 'implícita', após subir, dê sinais de estabilização. Tal cenário, segundo ele, não tem impedido a convergência da inflação à meta, com custo baixo, tanto no emprego, quanto no Produto Interno Bruto (PIB), a reboque de 'surpresas positivas' por parte do mercado de trabalho e da massa salarial.

Em defesa da independência da autoridade monetária, Campos Neto citou "uma pesquisa feita para a América Latina, segundo a qual, quanto mais independente é o Banco Central, menor é a inflação. A gente consegue ver aqui através dos anos".

Reforçando sua tese, o presidente do BC exibiu um gráfico com a informação de que 74% dos bancos centrais defendem a autonomia financeira.

## IBGE: safra de 2024 deve ser 5,5% menor

Por Marcello Sigwalt

Resultado 5,5% inferior (menos 17,4 milhões de toneladas) ao obtido na edição de 2023 (315,4 milhões de toneladas), a safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deste ano deverá atingir 298,0 milhões de toneladas, segundo estimativa do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado, nessa terça-feira (13) pelo IBGE.

Em contraponto, a área colhida na safra em curso deverá superar em 727,2 mil hectares (+0,9%) à do ano anterior, perfazendo 78,6 milhões de hectares. Por culturas, enquanto houve acréscimos nas áreas de arroz (4,9%), algodão (13,1%), feijão (6,0%) e soja (3,2%), foram r registradas reduções no milho (-3,2%), o trigo (-11,2%) e o sorgo (-5,3%).

Tal comportamento se deve, segundo o gerente do LSPA,



Divulgação

Recuo de previsão da safra 2024 se deve aos preços do plantio

Carlos Barradas, está associado aos preços na época do plantio. "No caso do arroz, a área de plantio vem sendo diminuída nos últimos anos, embora na safra 2024 ela tenha aumentado por conta do aumento no preço do cereal".

No que toca ao milho, o

gerente explica que a queda de produção do cereal decorre de seu "valor depreciado, o que levou os produtores a plantarem menos milho, em favor da área de algodão", o qual deve bater recorde da série histórica do instituto.

Já em relação à soja, Bar-

radas aponta a ocorrência de problemas climáticos na safra de verão "principalmente na região Centro-Oeste, nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, além dos problemas de excesso de chuvas e inundações no Rio Grande do Sul que reduziram a safra do estado".

Enquanto a produção do algodão herbáceo (em caroço) aumentou 10,8%; o arroz avançou 1,9%; para o arroz; o feijão subiu 7,1% e o trigo saltou 22,7%; foram verificadas reduções de 4,3% para a soja; de 10,3% para o milho (reduções de 15,7% no milho de 1ª safra e de 8,9% no milho de 2ª safra) e de 10,9% para o sorgo.

A estimativa é de que a soja produza 145,4 milhões de toneladas e o milho, 117,6 milhões de toneladas (23,4 milhões de toneladas de milho na 1ª safra e 94,2 milhões de toneladas de milho na 2ª safra).

## Viés de alta da Selic derruba futuros

Um misto 'recheado' por apetite global pelo risco, acrescido do aumento da 'confiança' no Banco Central (BC), como reflexo das declarações, da véspera, do diretor de Política Monetária da autoridade monetária, Gabriel Galípolo, no sentido de que "estaria na mesa" do Comitê de Política Monetária (Copom) a elevação da Selic (taxa básica de juros), face ao avanço da inflação.

Com base nessa 'receita ma-

croeconômica, as taxas de juros futuros exibiram viés de queda, na sessão dessa terça-feira (13), em especial, aquelas da chamada 'ponta longa', em decorrência da menor aversão planetária ao risco, 'turbinalada' por dados da inflação no atacado nos EUA, abaixo do esperado pelo mercado, o que reforça as 'apostas' de que o Federal Reserve (Fed) deverá promover, em breve, um corte dos juros ianques. O refluxo das taxas futuras tam-

bém foi reforçado pela queda do dólar, que fechou cotado a R\$ 5,45.

Como resultante, no fechamento da sessão, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro e 2025 recuou de 10,748%, nessa segunda-feira (12), para 10,730%; o DI para janeiro de 2026 baixava de 11,54% para 11,38%; o DI para janeiro de 2027 baixou de 11,54% para 11,33% e o DI para 2029, caía

de 11,59% para 11,40%.

O economista-chefe da Reag Investimentos, Marcelo Fonseca atribui à "uma combinação do ambiente externo, dado o encaminamento do corte de juros pelo Fed, com a redução dos ruídos locais", ao considerar importante para a redução dos níveis de inclinação da sinalização recente do Banco Central, que, diz Fonseca, "está avisando que vai subir juros em setembro". (M.S.)